

## PERSPECTIVA INTERCULTURAL SOBRE O CYBERBULLYING ENTRE UNIVERSITÁRIOS DO BRASIL E DE PORTUGAL

Sidclay Bezerra de Souza<sup>1,2</sup>; Elaine da Magalhães Costa Fernandez<sup>1,3</sup>

<sup>1</sup>PPG-Psi da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); <sup>2</sup>CICPSI, Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FP-ULisboa); <sup>3</sup>Laboratoire cliniques psychopathologique et interculturelle (LCPI) Université de Toulouse Jean Jaurès (UT-JJ). Email: [ssouza@campus.ul.pt](mailto:ssouza@campus.ul.pt) ; [elainef@free.fr](mailto:elainef@free.fr)

**Resumo:** O cyberbullying tornou-se uma das principais preocupações de educadores na contemporaneidade. Mas que relações podem ser estabelecidas entre este tipo de assédio virtual e o pertencimento cultural dos jovens implicados? O presente artigo objetiva compreender as experiências de cyberbullying de estudantes universitários do Brasil e de Portugal tanto enquanto vítimas quanto agressores. Para isto, começaremos por identificar os comportamentos de cyberbullying mais frequentes, para em seguida analisar as plataformas digitais mais utilizadas pelos jovens em cada contexto cultural. A pesquisa contou com a participação de 1340 estudantes universitários, dentre os quais 44.18% eram do Brasil e 55.8% de Portugal. As respostas obtidas através do Questionário do Cyberbullying no Ensino Superior (QCES) devidamente validado e adaptado para a pesquisa. Os resultados indicam que 44.6% dos estudantes do Brasil, bem como 43.0% dos estudantes de Portugal afirmam já terem sido vítimas de cyberbullying ao menos uma vez. Além disso, 20.8% dos estudantes no Brasil e 12.6% dos universitários de Portugal reconhecem já terem cometido agressões virtuais em algum momento da vida. Quanto aos comportamentos de vitimização e agressão mais citados pelos participantes destacam-se: insultar, zombar e espalhar boatos. Quanto às plataformas digitais em que os episódios decorreram, o *Facebook* apresentou uma maior porcentagem nos dois tipos de envolvimento e nos dois contextos culturais. Em conclusão, espera-se que os resultados obtidos contribuam à elaboração de programas de prevenção do cyberbullying pautados em valores éticos e no respeito à diversidade cultural dos jovens envolvidos.

**Palavras-chave:** Cyberbullying, Estudantes Universitários, Perspectiva Intercultural.

### 1. INTRODUÇÃO

A violência no contexto educativo é uma das principais causas do mal-estar vivido por seus atores, apresentando-se como um dos problemas atuais da educação contemporânea (SOUZA; VEIGA SIMÃO; CAETANO, 2014). Paralelamente, na era digital, passamos muito tempo interagindo com telas de computador, smartphones e outros aparelhos digitais conectados à internet (BARQUE-DURAN et al., 2017). Ou seja, com o avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), as formas de convívio e de relações sociais são marcadas pela distância física e virtualidade das relações (COSTA-FERNANDEZ; AMARAL; VASCONCELOS, 2014).

A banalização da violência e das interações sociais mediadas pelas tecnologias faz emergir uma nova forma de violência entre os estudantes, conhecida internacionalmente pelo termo “cyberbullying”. Diante da generalização deste cenário a nível mundial, surge uma preocupação notória com o potencial agressivo da internet e das TIC uma vez que tais recursos podem ser utilizados para humilhar, intimidar intencionalmente o outro no

ciberespaço. O cyberbullying transcende as fronteiras do tempo (uma vez que o assédio pode se manter infinitamente presente no espaço virtual) e do espaço pessoal e físico dos estudantes. Esta prática vem apresentando efeitos nocivos tanto a nível do funcionamento psicossocial dos estudantes quanto das instituições escolares e familiares envolvidas.

A definição de cyberbullying se sobrepõe, em grande parte, à definição do bullying presencial, visto o fato dos comportamentos agressivos serem realizados para infligir dano ou sofrimento emocional sobre os outros (MASCARENHAS; MARTINEZ, 2012) por meio de um comportamento hostil (ORTEGA et al., 2012). Trata-se de uma nova forma de manifestação do bullying cujos comportamentos são realizados através de recursos tecnológicos conectados à internet por um grupo ou um indivíduo contra uma ou mais vítimas de estatuto semelhante que não pode facilmente defender-se (OLWEUS, 2012; SMITH et al., 2008). Cabe aqui ressaltar a distinção entre cyberbullying e crime virtual. Visto que o cyberbullying é um tipo de bullying, um dos critérios para que seja considerado como tal é que a situação aconteça entre iguais, entre pares. O fato de um adulto fazer ameaças ou perseguir uma adolescente pela internet caracteriza-se como um crime virtual e não como uma situação de cyberbullying.

Atualmente, a problemática do cyberbullying tem-se revelado, uma preocupação constante latente em diversos países (BAEK; BULLOCK, 2014), por se tornar mundialmente um problema social grave (WONG-LO; BULLOCK, 2014). Ao mesmo tempo, evidencia-se um número crescente de estudos sobre o cyberbullying com estudantes universitários em diversos países (e.g., MACDONALD; ROBERTS-PITTMAN, 2010; SOUZA; VEIGA SIMÃO; CAETANO, 2014; FRANCISCO et al., 2015), consequência de trágicos incidentes e do impacto internacional do fenômeno (WASHINGTON, 2015).

Tentando identificar a incidência do cyberbullying no contexto do ensino superior, MacDonald e Roberts-Pittman (2010) desenvolveram um estudo com 439 estudantes universitários dos Estados Unidos. Os autores identificaram que 21.9% dos participantes relataram ter sido vítimas ao menos uma vez, 8.6 % informaram já terem agredido alguém e 38% reportaram conhecerem alguém que havia sido vítima de cyberbullying. Este estudo confirmou também uma correlação positiva e significativa entre os comportamentos de bullying presencial e do cyberbullying, permitindo inferir que quanto maior o envolvimento do estudantes no bullying presencial, maior a tendência do envolvimento em situações de cyberbullying.

Tendo como base alguns estudos realizados sobre esta problemática com estudantes universitários (e.g., AKBULUT; ERISTI, 2011; MACDONALD; ROBERTS-PITTMAN,

2010), muitas investigações têm avançado na compreensão do problema sob uma perspectiva intercultural (BAEK; BULLOCK, 2014) apresentando importantes contribuições aos programas de prevenção e intervenção direcionados ao fenômeno envolvendo particularmente estudantes do contexto universitário do Brasil e Portugal.

Com o objetivo de acolmatar esta lacuna em termos de investigação, Ferreira et al (2016) realizaram um estudo com estudantes universitários portugueses e brasileiros. Os autores buscaram compreender, a partir de uma perspectiva intercultural, se a intervenção do observador poderia influenciar a relação entre o observador, vítima e agressor de cyberbullying, se o país de origem poderia moderar a relação entre o observador, a vítima e o agressor e, adicionalmente, se o país moderava a intervenção do observador com as vítimas e os agressores. Os resultados do estudo revelaram que a intervenção moderou a relação entre observador, vítima e agressor. Além disso, verificou-se que os estudantes brasileiros que percebem incidentes de cyberbullying são mais propensos a se tornarem vítimas e agressores que os estudantes portugueses. Adicionalmente, os resultados do estudo revelaram que os estudantes brasileiros que observaram situações de cyberbullying, mas que não interviram, eram mais propensos a tornarem-se vítimas e agressores. Mas como explicar esta variação de comportamentos em função do pertencimento cultural dos jovens?

Na sequência do estudo de Ferreira et al (2016), Souza e colaboradores (2016) conduziram um estudo com estudantes universitários do Brasil (60.5%) e Portugal (39.5%) cujo objetivo foi perceber de que forma as variáveis psicossociais do clima universitário (especificamente o sentimento de bem-estar, acolhimento e integração) e os aspectos culturais poderiam afetar a relação entre ser vítima e agressor. Os resultados obtidos confirmaram que a relação entre ser vítima e agressor do cyberbullying pode ser influenciada pelas variáveis psicossociais do clima universitário e pelos aspectos culturais. Ou seja, as vítimas do Brasil apresentaram uma tendência significativa para se tornarem agressores, independente do nível de sentimento de bem-estar, de acolhimento e de integração, enquanto que as vítimas de Portugal tendiam a quebrar o ciclo entre ser vítima e ser agressor.

A partir do exposto, considerando a relevância dos estudos sobre cyberbullying com os estudantes universitários e a carência de estudos sobre esta temática que privilegiem a perspectiva intercultural, pergunta-se:

*Como os estudantes do Brasil e de Portugal têm experienciado o cyberbullying seja no papel de vítimas, seja de agressores?*

*Quais os comportamentos mais frequentes vivenciados pelas vítimas, bem como os comportamentos mais frequentes por parte dos agressores?*

*Que plataformas digitais são mais utilizadas pelos jovens em situações de vitimização e de agressão?*

Este artigo é um recorte de uma investigação conduzida por Souza (2016) na sua tese de doutorado com o título: “*Cyberbullying: a violência virtu@l conectada ao mundo real dos estudantes em contextos universitários do Brasil e Portugal*”<sup>1</sup>. O estudo objetiva compreender as experiências de cyberbullying de estudantes universitários do Brasil e de Portugal tanto enquanto vítimas quanto agressores. Para isto, começaremos por identificar as plataformas digitais mais utilizadas pelos jovens para em seguida analisar os comportamentos de cyberbullying mais frequentes em cada contexto cultural.

## 2. METODOLOGIA

### 2.1. Participantes

O estudo contou com a participação de 1340 estudantes, dentre os quais 44.18% eram do Brasil e 55.8% de Portugal. A caracterização dos participantes é apresentada na Tabela 1.

**Tabela 1.** Caracterização dos Participantes por País

	<b>Brasil</b> (n = 592)	<b>Portugal</b> (n = 781)
<i>Gênero</i>		
Masculino	34.5	33.8
Feminino	65.5	66.2
<i>Faixa-etária</i>		
< 20 anos	53.7	61.9
21 – 23 anos	26.4	28.5
24 – 26 anos	9.8	3.5
> 26 anos	10.1	6.1
<i>Área Científica</i>		
Ciências da Saúde e da Vida	22.0	12.4
Ciências Exatas e Engenharia	19.1	19.8
Ciências Naturais e do Meio Ambiente	23.5	28.7
Ciências Sociais e Humanidades	35.5	39.0
<i>Ano de Escolaridade</i>		
1.º ano do ensino superior	35.1	38.0
2.º ano do ensino superior	31.4	28.2
3.º ano do ensino superior	33.4	33.8

*Nota.* Os valores apresentados nesta tabela tratam-se de %.

<sup>1</sup> A investigação contou com o financiamento da CAPES no âmbito do Programa de Doutorado Pleno no Exterior (Proc.: BEX 1710/13-3) e foi orientado pela Prof. Dra. Ana Margarida Veiga Simão (Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Portugal).

## 2.2. Instrumento

Utilizamos o *Questionário do Cyberbullying no Ensino Superior (QCES)* e sua versão adaptada ao contexto universitário do Brasil (QCES-Br). Trata-se de um instrumento de autorrelato com 4 escalas (escala das vítimas, agressores, observadores das vítimas e observadores dos agressores), sendo cada uma delas composta por um conjunto de nove itens com três opções de respostas em escala de tipo *Likert* (1 = Nunca; 2 = Algumas Vezes e 3 = Muitas Vezes). O QCES foi desenvolvido no estudo de Francisco et al., (2015) para o contexto universitário português revelando boas qualidades psicométricas (*Alfa de Cronbach* das escalas variaram entre .96 e .98).

Posteriormente, o instrumento foi adaptado ao contexto universitário do Brasil no estudo Ferreira et al (2016) com um conjunto de 778 estudantes universitários, dentre os quais 34.1% eram do Brasil e 65.9% de Portugal. Como pode ser verificado no estudo referido, o instrumento apresentou um bom índice de ajustamento para ambos os contextos, revelando-se invariante até o modelo com as covariâncias fixas [ $\chi^2_{(1129)} = 2786.013, p < .001, \chi^2/gl = 2.468, CFI = .905, IFI = .906, RMSEA = .043, LO = .041, HI = .045, SRMR = .051, AIC = 3192.013$ ]. Para além disso, foi testada a Confiabilidade Composta (*Construct Reliability*), a Variância Média Extraída (*Average Variance Extracted*), bem como a Variância Máxima Compartilhada (*Maximum Shared Variance*) e a Variância Média Compartilhada (*Average Shared Variance*) para ambos os contextos, cujos valores são apresentados na Tabela 2.

**Tabela 2.** Medição do Modelo do QCES para o Brasil e Portugal

País	Variáveis	CC	VEM	VMC <sup>a</sup>	VMC <sup>b</sup>
Brasil	Vítimas	.85	.41	.25	.16
	Agressores	.80	.33	.25	.15
Portugal	Vítimas	.86	.41	.10	.07
	Agressores	.82	.34	.10	.05

Nota. CC = Confiabilidade Composta (*Construct Reliability*); VEM = Variância Média Extraída (*Average Variance Extracted*); VMC<sup>a</sup> = Variância Máxima Compartilhada (*Maximum Shared Variance*); VMC<sup>b</sup> = Variância Média Compartilhada (*Average Shared Variance*).

Visto que tais validações estão dentro dos parâmetros da literatura psicométrica (e.g., NUNNALLY, 1978), as duas versões do instrumento já foram utilizadas em alguns estudos (e.g., SOUZA, 2016; SOUZA et al., 2017), permitindo a sua reutilização neste estudo.

## 2.3. Procedimento de Coleta e Análise dos Dados

Considerando que o desenho da pesquisa inclui seres humanos, todo o procedimento de coleta de dados só teve início após o parecer favorável deliberado pelo Conselho

Científico/Comissão de Deontologia da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, conforme Ata emitida em 16/01/2014.

A aplicação do instrumento, tanto no Brasil como em Portugal, decorreu em contexto universitário, em sala de aula, após o contato prévio e a obtenção do consentimento dos coordenadores dos cursos, professores, bem como o consentimento por escrito por parte dos participantes. Após a explicitação dos objetivos do estudo e da exposição oral das informações relativas à forma de preenchimento do instrumento, os estudantes foram informados da confidencialidade dos dados e do anonimato, garantido os aspectos éticos da investigação.

Considerando os objetivos deste estudo, procedemos a uma análise descritiva visando caracterizar as vítimas e os agressores do Brasil e de Portugal. Todo procedimento de análise foi conduzido através do software IBM/SPSS 23.0.

### **3. RESULTADOS**

Analisamos inicialmente a frequência do envolvimento dos participantes em situações de cyberbullying considerando os papéis de vítimas e agressores em cada país. Foi possível verificar que 246 estudantes universitários do Brasil (44.6%) e 322 estudantes universitários de Portugal (43.0%), foram vítimas de cyberbullying. Além disso, 138 estudantes no Brasil (20.8%) e 94 estudantes de Portugal (12.6%) foram agressores de cyberbullying em algum momento da vida.

Relativamente aos comportamentos de vitimização, verificamos que as vítimas, de ambos os países, foram “*algumas vezes*” zombadas (49.2% no Brasil; 46.9% em Portugal), tiveram boatos espalhados sobre suas vidas (45.5% no Brasil; 46.0% em Portugal), insultadas (41.1% no Brasil; 44.4% em Portugal), usaram sua imagem sem autorização (33.3% no Brasil; 30.1% no Brasil). Destaca-se ainda que, as vítimas em ambos os países, foram “*muitas vezes*” alvo de zombaria (6.5% no Brasil; 5.6% em Portugal), insultos (5.7% no Brasil; 6.8% em Portugal) e de boatos espalhados sobre a sua vida (4.9% no Brasil; 5.0% em Portugal).

No entanto, em relação aos comportamentos referidos pelos agressores, verificamos que “*algumas vezes*” os comportamentos mais frequentes entre os agressores de ambos os países eram: zombar (56.5% no Brasil; 50.0% em Portugal) e insultar (32.6% no Brasil; 38.3% em Portugal). Além disso, verificamos que, os agressores do Brasil, “*muitas vezes*”, zombaram (9.4%), usaram a imagem de alguém sem autorização (5.1%). Enquanto os agressores de Portugal, “*muitas vezes*” os agressores zombaram (14.9%) e insultaram (7.4%) as vítimas. Estes resultados são apresentados na Tabela 3.

**Tabela 3. Comportamentos de Vitimização e Agressão por País**

Comportamentos de Vitimização	Brasil (n = 246)		Portugal (n = 322)	
	Algumas Veze	Muitas Veze	Algumas Veze	Muitas Veze
Ameaçaram-me	16.7	1.2	20.8	3.7
Assediaram-me com conteúdos de caráter sexual	21.1	2.4	26.7	3.4
Espalharam boatos sobre a minha vida	45.5	4.9	46.0	5.0
Fizeram-se passar por mim	22.8	0.8	21.7	2.5
Zombaram-me	49.2	6.5	46.9	5.6
Insultaram-me	41.1	5.7	44.4	6.8
Mostraram que possuíam informação sobre a minha vida que podem afetar o meu bem-estar psicológico	22.8	3.7	21.4	2.8
Revelaram dados sobre a minha vida privada	22.0	1.6	22.7	1.6
Usaram a minha imagem sem autorização	33.3	1.7	30.1	1.9

  

Comportamentos de Agressão	Brasil (n = 138)		Portugal (n = 94)	
	Algumas Veze	Muitas Veze	Algumas Veze	Muitas Veze
Ameacei	13.0	2.2	8.5	3.2
Assediei com conteúdos de caráter sexual	7.2	0.7	7.4	3.2
Espalhei boatos sobre a vida de outros	25.4	2.9	12.8	2.1
Fiz-me passar por outra pessoa	14.5	2.9	29.8	2.1
Zombei	56.5	9.4	50.0	14.9
Insultei	32.6	2.2	38.3	7.4
Mostrei que possuo informação sobre outra pessoa que pode afetar o seu bem-estar psicológico	12.3	2.2	11.7	2.1
Revelei dados sobre a vida privada de outra pessoa	15.2	3.6	10.6	--
Usei a imagem de alguém sem autorização	22.5	5.1	17.0	--

*Nota.* Os valores apresentados nesta tabela tratam-se da %.

No que diz respeito às plataformas digitais mais reportadas pelas vítimas e agressores, em ambos os países, o *Facebook* foi a mais referida pelas vítimas (65.9% no Brasil; 60.2% em Portugal), como pelos agressores (53.6% no Brasil; 64.9% em Portugal).

Além disso, as vítimas do Brasil referiram, com maior frequência, que foram vitimizadas através do *Whatsapp* (24.8%), *Orkut* (24.0%) e *Messenger* (14.2%), ao passo que as vítimas de Portugal referiram, em maior frequência, que foram vitimizadas através de *SMS/MMS* (23.6%), *Hi5* (19.3%), *Messenger* (19.3%) e *Chats* (14.0%). Quanto às plataformas digitais referidas pelos agressores do Brasil, verificou-se uma maior frequência quando a agressão era realizada através o *Whatsapp* (41.3%), *Messenger* (20.3%) e *Orkut* (18.1%), ao passo que os agressores de Portugal referiram o uso de *Chat* (18.1%), *SMS/MMS* (17.0%), *Messenger* (13.8%) e *Hi5* (10.6%) na prática do cyberbullying, conforme pode ser verificado na Tabela 4.

**Tabela 4.** Média reportados pelas vítimas e agressores de cada País

	Vítimas		Agressores	
	Brasil (n = 246)	Portugal (n = 322)	Brasil (n = 138)	Portugal (n = 94)
Blogs	4.9	4.0	4.3	8.5
Chat	10.6	14.0	8.7	18.1
Email	6.9	6.8	3.6	3.2
Facebook	65.9	60.2	53.6	64.9
Hi5	0.4	19.3	--	10.6
Messenger	14.2	19.3	20.3	13.8
Myspace	--	0.6	--	1.1
Second Life	0.8	--	--	1.1
SMS/MMS	8.1	23.6	5.8	17.0
Youtube	1.6	2.2	1.4	4.3
Orkut	24.0	0.6	18.1	1.1
Whatsapp	24.8	1.6	41.3	6.4

*Nota.* Os valores apresentados nesta tabela tratam-se de % dos que assinalaram “sim” para cada média.

#### 4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O presente estudo tinha como objetivo identificar as experiências de cyberbullying de estudantes universitários do Brasil e de Portugal tanto na posição de vítimas e quanto de agressores. Paralelamente procurou-se analisar os comportamentos mais frequentes de cyberbullying em cada contexto cultural, como ainda compreender que plataformas digitais eram mais reportadas em cada um dos contextos culturais no tocante às experiências de cyberbullying.

Os resultados apresentados neste estudo, confirmam que o cyberbullying pode ser visto como sintoma de uma violência social (SOUZA; VEIGA SIMÃO; CAETANO, 2014) experienciada pelos estudantes dos dois contextos investigados. De modo geral, evidenciamos que cerca de 44.6% dos estudantes universitários brasileiros e 43.0% dos universitários portugueses foram vítimas de cyberbullying, sendo as vítimas, maioritariamente do gênero feminino, com idade igual ou inferior aos 20 anos, da área de Ciências Sociais e Humanidades e estudantes do 1.º ano do ensino superior. Ainda constatamos que 20.8% dos estudantes universitários do Brasil e 12.6% dos estudantes universitários de Portugal foram agressores de cyberbullying em algum momento da vida. Em termos de prevalência, os resultados revelaram que a maior percentagem dos agressores era do gênero feminino, com idade menor ou igual aos 20 anos, estudantes da área de Ciências Sociais e Humanidades e frequentavam o 2.º ano do ensino superior no Brasil e o 1.º ano em Portugal.

Os resultados apresentados neste estudo confirmam o que se verifica em outras investigações em que as taxas de prevalência entre os estudantes universitários variam muito,



embora se verifique que uma parcela substancial dos estudantes universitários vivenciam situações de cyberbullying ao menos uma vez na vida (DOANE; PEARSON; KELLEY, 2014).

No que diz respeito aos comportamentos referidos pelos participantes, embora numa ordem diferente em termos de percentagens, insultos, gozações e boatos apresentaram uma maior frequência nos resultados, tanto no caso das vítimas quanto no caso dos agressores do Brasil e de Portugal. Estas variações atreladas ao contexto cultural dos participantes parece confirmar que as manifestações do cyberbullying variam em função do pertencimento cultural dos jovens (BAEK; BULLOCK, 2014).

Quanto às plataformas digitais, em ambos os Países, o *Facebook* apresentou a maior percentagem indicada tanto pelas vítimas quanto pelos agressores, consolidando o que se tem verificado em outros estudos (e.g., DREDGE; GLEESON; PIEDAD, 2014). Além disso, a investigação de Cappelozza e Moraes (2014) relativamente ao índice de popularidade virtual, o *Facebook* aparece como a rede social mais popular seja em Países da América Latina como em Países da Europa. Logo, estes resultados parecem estar associados à utilização plataformas digitais, o que também é confirmado no estudo realizado por um grupo de pesquisadoras da UFPE na cidade do Recife (COSTA-FERNANDEZ; AMARAL; VASCONCELOS, 2014)

Enquanto assédio virtual, marcado pela agressão relacional imposta pela ausência do contato corporal e através dos dispositivos tecnológicos (HINDUJA; PATCHIN, 2007; GARAIGORDOBIL, 2015), o cyberbullying está associado à saúde subjetiva dos estudantes, com repercussões incalculáveis na vida dos envolvidos (SOUZA; VEIGA SIMÃO; CAETANO, 2014; WASHINGTON, 2015). Este impacto não se relaciona apenas às vítimas. A segurança e o bem-estar dos agressores também deverá ser uma preocupação, sendo necessário intervir para auxiliar na mudança do seu comportamento.

Embora alguns jovens subestimem seus envolvimento em situações de cyberbullying (FRANCISCO et al., 2015), o fenômeno tornou-se um problema internacional de saúde pública. Com isso, os educadores e os profissionais de Psicologia se deparam com a necessidade de construção de novos métodos e novos paradigmas em pesquisa mas também nas intervenções profissionais (COSTA FERNANDEZ; DONARD, 2016).

Em conclusão, os resultados obtidos nesta investigação trazem um relevante contributo à teoria e à prática, uma vez que busca-se compreender, sob uma perspectiva intercultural, as experiências de cyberbullying dos estudantes do Brasil e de Portugal, os comportamentos mais frequentes, bem como as plataformas digitais que servem como “palco” de suas manifestações. Cabe precisar que a perspectiva intercultural permite a

contextualização permanente tanto dos processos psicológicos envolvidos nas situações de cyberbullying quanto da consideração dos valores e normas culturais do contexto.

No prosseguimento do estudo que aqui se apresenta, é importante que novos projetos de pesquisa sejam realizados visando a continuidade de estudos interculturais em que possa ser explorado cada vez mais as experiências de cyberbullying no contexto cultural do Brasil. Neste sentido, podemos referir o projeto que se encontra em andamento “*O uso das Tecnologias da Informação e Comunicação e experiências de cyberbullying em adolescentes do Brasil e de Angola*”<sup>2</sup> que visa apreender as tensões entre violência virtu@l e o pertencimento cultural de jovens de países lusófonos. Este projeto de pesquisa internacional, no prosseguimento dos estudos anteriores, objetiva compreender o uso das TIC por adolescentes do ensino fundamental II e do ensino médio do Brasil e de Angola, bem como seus possíveis envolvimentos em situações de cyberbullying. Visa-se assim, contribuir aos estudos desta linha de pesquisa visando a elaboração de métodos de prevenção de riscos e de intervenção em situações de cyberbullying que levem em conta os pertencimentos culturais dos participantes. Neste caso, visa-se agora adolescentes de língua materna portuguesa originários do Brasil e de Angola.

Este projeto, encontra-se inserido na linha de “*Processos psicológicos nas migrações, Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) e interculturalidade*” do Laboratório de Interação Social e Humana (LabInt) do PPG-Psi da UFPE<sup>3,4</sup>. A originalidade desta pesquisa consiste na confirmação de que o uso e a apropriação feita pelos usuários destes instrumentos do Brasil e Angola é função de seus pertencimentos culturais. No entanto, como toda nova apropriação cultural, ela dependerá do(s) referencial(s) cultural(is) de origem, tanto na sua pluralidade quanto nas suas especificidades. Visa-se assim, contribuir aos estudos desta linha de pesquisa visando a elaboração de métodos de prevenção de riscos e de intervenção em situações de cyberbullying que levem em conta os pertencimentos culturais dos participantes.

Assegurados de que para problemas globais, as soluções devem ser locais, os pesquisadores desta linha de pesquisa procuram identificar especificidades atreladas aos pertencimentos culturais dos jovens usuários das TIC e, em particular, às situações de cyberbullying.

---

<sup>2</sup> Esta investigação conta com o financiamento da FACEPE (Proc. N.º: APQ-0485-7.07/18);

<sup>3</sup> Diretório de grupos de pesquisa do CNPq: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp>;

<sup>4</sup> Sob coordenação científica da Prof. Dra. Elaine Magalhães Costa Fernandez e a participação do Prof. Dr. Sidclay Bezerra de Souza.

## 5. CONCLUSÕES

Este estudo analisou o envolvimento de estudantes do Brasil e de Portugal em situações de cyberbullying, bem como procurou identificar os comportamentos adotados e as plataformas digitais mais utilizadas. A partir de seus resultados, podemos concluir que a incidência do envolvimento perpassa os contextos culturais, embora as manifestações dos comportamentos de vitimização e agressão varie em função do pertencimento cultural dos estudantes. No que diz respeito às plataformas digitais, os nossos resultados revelaram que o Facebook foi reportado com maior frequência tanto nas situações de vitimização quanto nas situações de agressão, o que pode ser justificado pela popularidade desta plataforma em Países da América Latina e da Europa.

Apesar de suas limitações, este estudo oferece pistas que podem servir de ponto de partida para o desenvolvimento de programas direcionados à prevenção, ao diagnóstico e ao tratamento de situações de cyberbullying. Quaisquer que sejam os contextos, variações na regulação do comportamento on-line podem ser trabalhadas, tendo como direcionamento a promoção do comportamento ético dos usuários.

## REFERÊNCIAS

- AKBULUT, Y.; ERISTI, B. Cyberbullying and victimisation among Turkish university students. *Australasian Journal of Educational Technology*, v. 27, n. 7, 1155-1170, 2010.
- BAEK, J.; BULLOCK, L. M. Cyberbullying: a cross-cultural perspective. **Emotional and behavioural difficulties**, v. 19, n. 2, p. 226-238, 2014.
- BARQUE-DURAN, A. et al. Contemporary morality: moral judgments in digital contexts. **Computers in Human Behavior**, v. 2017, n. 75, p. 184-193, 2017.
- CAPPELLOZZA, A.; MORAES, G. H. S. M. Are nations so different as they access the internet? **InternexT: Revista Eletrônica de Negócios Internacionais**, v. 9, n. 1, p. 61-81, 2014.
- COSTA-FERNANDEZ, E. M.; AMARAL, T. B.; VASCONCELOS, M. V. S. O uso de redes sociais e de jogos digitais on-line nas relações sociais de adolescentes. Resultados de um estudo exploratório na cidade do Recife. **Diálogos Possíveis**, v. 12, n. 1, p. 47-74, 2014.
- COSTA FERNANDEZ, E.; DONARD, V. **O Psicólogo frente ao desafio tecnológico**. Novas Identidades, novos campos, novas práticas. Recife: Editora Universitária UFPE/ UNICAP, 2016, v.1. p.252.
- DOANE, A. N.; PEARSON, M. R.; KELLEY, M. L. Predictors of cyberbullying perpetration among college students: An application of the Theory of Reasoned Action. **Computers in Human Behavior**, v. 36, p. 154-162, 2014.
- DREDGE, R.; GLEESON, J.; PIEDAD, G. X. Presentation on Facebook and risk of cyberbullying victimisation. **Computers in Human Behavior**, v. 40, p. 16-22, 2014.

- FERREIRA, P. C., et al. Student bystander behavior and cultural issues in cyberbullying: When actions speak louder than words. **Computers in Human Behavior**, v. 60, p. 301-311, 2016.
- FRANCISCO, S. M. et al. Cyberbullying: The hidden side of college students. **Computers in Human Behavior**, v. 43, p. 167-182, 2015.
- GARAIGORDOBIL, M. Cyberbullying in adolescents and youth in the Basque Country: prevalence of cybervictims, cyberaggressors, and cyberobservers. **Journal of Youth Studies**, v. 18, n. 5, p. 569-582, 2015.
- HINDUJA, S.; PATCHIN, J. W. Offline consequences of online victimization: School violence and delinquency. **Journal of School Violence**, v. 6, n. 3, p. 89-112, 2007.
- MACDONALD, C. D.; ROBERTS-PITTMAN, B. Cyberbullying among college students: prevalence and demographic differences. **Procedia Social and Behavioral Sciences**, v. 9, p. 2003-2009, 2010.
- MASCARENHAS, S. A. N.; MARTINEZ, J. M. A. (2012). Ocorrência do bullying/cyberbullying como desrespeito à diversidade e à cidadania no contexto universitário amazônico. **Revista EDUCAmazônia**, v. 8, n. 1, p. 150-161, 2012
- NUNNALLY, J. C. Psychometric theory (2nd ed.). New York: McGraw-Hill, 1978.
- OLWEUS, D. Cyberbullying: An overrated phenomenon?. **European Journal of Developmental Psychology**, v. 9, n. 5, p. 520-538, 2012.
- ORTEGA, R. et al. The emotional impact of bullying and cyberbullying on victims: a European cross-national study. **Aggressive Behavior**, v. 38, n. 5, p. 342-356, 2012.
- SMITH P. K. et al. Cyberbullying: its nature and impact in secondary school pupils. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 49 n. 4, p. 376-385, 2008.
- SOUZA, S. B. **Cyberbullying**: a violência virtu@l conectada ao mundo real dos estudantes em contextos universitários do Brasil e Portugal. Tese de Doutorado. Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2016.
- SOUZA, S. B. et al. University students' perceptions of campus climate, cyberbullying and cultural issues: implications for theory and practice. **Studies in Higher Education**, p. 1-16, 2017.
- SOUZA, S. B.; VEIGA SIMÃO, A. M.; CAETANO, A. P. Cyberbullying: percepções acerca do fenômeno e das estratégias de enfrentamento. **Psicologia Reflexão e Crítica**, v. 27, n. 3, p. 582-590, 2014.
- WASHINGTON, E. T. An Overview of Cyberbullying in Higher Education. **Adult Learning**, v. 26, n. 1, p. 21-27, 2015.
- WONG-LO, M.; BULLOCK, L. M. Digital metamorphosis: Examination of the bystander culture in cyberbullying. **Aggression and violent behavior**, v. 19, n. 4, p. 418-422, 2014.

**Financiamento:** esta investigação esteve inserida no âmbito de um estudo financiado pela Fundação CAPES (BEX 1710/13-3).